Fernanda Montenegro é a protagonista da comédia *Velhos bandidos*, sob a direção do filho Claudio Torres, última participação da atriz no cinema

Paris Filmes

Velhos bandidos: despedida de Fernanda Montenegro da telona

Uma celebração da experiência

» RICARDO DAEHN

Para quem deseja contribuir para que o cinema brasileiro perpetue a maré favorável há um recado do cineasta Claudio Torres: "Corram para o cinema, esse fim de semana!". À frente da comédia *Velhos bandidos*, estrelado por Fernanda Montenegro e Ary Fontoura, Torres (filho de Fernanda) reitera, com a fita, a satisfação de ter dirigido, no passado, os três únicos intérpretes brasileiros a concorrer ao Oscar (as parentes Fernandas e Wagner Moura): "Recebo essa bênção como uma bênção. Vem alegria, misturada com orgulho e agradecimento". A liga da dupla Ary e Montenegro, na telona, como senhores do crime, só encerra elogios: "Ary é um gênio. Conheço ele desde que era garoto quando meus pais ensaiavam as peças de teatro em casa. Se meu pai, Fernando Torres, estivesse vivo, o papel seria dele. Não conheço pessoa melhor para substituí-lo".

Surfando na onda da comédia, Claudio enaltece que não existe gênero melhor para celebrar a vida e, ao mesmo tempo, refletir sobre ela. "Só vivendo o presente que a gente fica vivo para talvez chegar ao futuro", destacou em recente entrevista para a BBC, a sábia e ilustre mãe de Torres, que, na ocasião, reforçou o hábito de "acordar e cantar". No filme, que ainda traz Vladimir Brichta e Bruna Marquezine no elenco, a serenidade imperou nas filmagens. "A serenidade foi mais do que plena! Parecia ceia de Natal! Esse filme é uma homenagem à minha mãe, e, em torno dela, conseguimos juntar um elenco inacreditável. Mesmo que em cenas curtas. O que eleva a qualidade do filme, infinitamente", avalia o diretor de filmes como *O homem do futuro* e *A mulher invisível*.

Ciente de que o sistema cinematográfico "anda cruel" e movido por salas cheias, Torres defende que *Velhos bandidos* seja um filme que vale a pena ser visto na tela grande. "Estes atores não cabem na tela pequena, e garanto aos espectadores que, quem assistir, sairá do cinema mais leve, mais feliz e esperançoso. O mundo está precisando de mais amor e menos guerra", resume.

Antes mesmo de a matriarca dos Torres pontuar que "vivemos um momento em que a estrutura governamental está na mão do crime", Claudio Torres destrinçou questões éticas como potenciais para a nova fita. "Dilemas éticos são parte fundamental de qualquer boa história, desde a Grécia. Vamos ao cinema e ao teatro para assistir situações limites. Para sentir, nos projetar ou refletir o que faríamos diante destas bifurcações trágicas da vida. Ver Édipo cegar seus próprios olhos pois, sem saber, se casou com a própria mãe, é algo que vem da história oral da nossa espécie. Você não precisa fazer isso: Édipo fez por você", sublinha o cineasta.

Surpresas, emoções e diversão foram administradas pelo diretor e equipe, pelo que conta. "*Velhos bandidos* é um filme multigeracional, para jovens de todas as idades", defende. A qualificação do público vem ampla, na perspectiva de Claudio Torres. "É um filme para todos. Independentemente de idade, classe social, ou orientação política. É um filme sobre envelhecer com sangue nos olhos, ser jovem e correr atrás de seus sonhos e da busca pelo afeto, algo de que precisamos desesperadamente nos dias de hoje", conclui.

ENTREVISTA // CLAUDIO TORRES, CINEASTA

O que representam as recentes conquistas do cinema nacional?

A meu ver, o reconhecimento internacional é tão importante quanto a aceitação de um filme nacional, mas de forma diferentes. Nossos filmes que têm sido reconhecidos e premiados lá fora, como o *O agente secreto*, *Ainda estou aqui*, *Democracia em vertigem*, *A vida invisível*, *Cidade de Deus*, são filmes que trabalham para evoluir a própria linguagem do cinema. São dramas feitos por cineastas que mantém a arte cinematográfica instigada, viva e em estado de evolução. Já os filmes voltados para as bilheterias nacionais (*Velhos Bandidos* é um exemplo), visam o diálogo com o público direto. Espero que os ventos continuem a soprar a favor do cinema nacional. O mundo está se abrindo para filmes não falados em inglês e curioso em entender as realidades de outros países, como é o caso do cinema coreano.

Onde e como você usa "o luxo do tempo" para estar ao lado de dona Fernanda Montenegro?

Conversamos, conversamos e conversamos. Às vezes, viajamos. Uma grande companheira de vida.

O que fazer para não perder o timing da visibilidade do cinema nacional?

Ter um governo que entenda que o audiovisual e a indústria se misturam. Cinema produz arte, eterniza nossa história, nossa identidade, humor e realidade, ao mesmo tempo em que movimenta uma economia gigante em torno disso.

Fernanda Montenegro contribui em que medida — o que só ela oferta?

Ela sempre contribui. E muito. Neste caso, (no filme) foi trazer a questão de que o assalto (na ficção) era uma reparação a uma injustiça cometida, há 40 anos, contra seu marido, Rodolfo (papel de Ary Fontoura).

Qual o público de hoje para o cinema?

Arriscar números é impossível. O cinema está em crise mundial. A pandemia interrompeu um círculo virtuoso e toda uma geração perdeu o hábito de ir assistir a um filme ao lado de estranhos, sofrendo, torcendo, rindo e vibrando juntos. É um sentimento inexplicável que precisa ser retomado. Pais! Tirem seus filhos da frente do celular e levem eles ao cinema. Laurence da Arábia não cabe (na tela) do celular, e, assistir a *Star Wars*, sozinho, é muito triste.

Festival de Brasília e impulsos no audiovisual

Com a "gestão encerrada, em dias", como frisou o secretário de Cultura e Economia Criativa do DF, Cláudio Abrantes; ele aproveitou o anúncio das inscrições para 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro para esclarecer medidas efetivas e desafios alinhavados no segmento do audiovisual, em entrevista coletiva no saguão do Cine Brasília (EQS 106/107). Com uma perspectiva de investimento da ordem de R$ 3 milhões, o Festival de Cinema que transcorrerá entre 11 e 19 de setembro teve definido o período de inscrições: está aberto, e assim segue até 24 de maio. "A medida renderá à organização uma capacidade maior de articular ações conexas ao festival", pontuou a diretora geral do evento Sara Rocha. Ainda com relação à retomada da visibilidade do festival, Abrantes destacou: "O filme de abertura do evento passado, *O agente secreto*, espelhou o prestígio do festival, e ainda tivemos o aceite de Fernanda Montenegro como grande homenageada", afirma o secretário.

Enquanto há previsão de seleção, em 2026, de sete longas-metragens e 12 curtas para a mostra competitiva do Festival de Brasília, a Mostra Brasília trará bloco de 600 minutos de programação, idealizada em até 10 curtas e cinco longas, numa realidade da ordem de R$ 677 mil em premiações distribuídas no evento. "A Mostra Brasília está presente em mais de 30 anos do festival. No primeiro ano, foram seis inscritos; hoje, temos mais de 100 inscrições anuais", lembrou Claudinei Pirelli representante do Troféu Câmara Legislativa (atribuído no âmbito da Mostra Brasília).

A direção artística do Festival de Brasília, novamente, será do crítico e curador Eduardo Valente. O evento, em 2026, promete incrementar um recente histórico de conquistas associado ao uso do Cine Brasília: partindo de 59 mil espectadores, em 2023; a gestão da Box Cultural chegou ao crescimento de 180%, em 2025 — trazendo público de 165 mil. "É uma ciência (puxar o público e montar a programação), brinca Sara Rocha, entusiasmada com novo cenário de som para o cinema, com instalação de novas caixas Dolby.

Refinamento de projeção

Para além de celebrar a instalação do Conselho de Cinema e Audiovisual do DF (o Conciavi, DF), Abrantes adiantou o efetivo reaparelhamento do Cine Itapoã (no Gama) fechado há mais de 20 anos. "Ele traz uma importância histórica. Garantimos o investimento de R$ 9,4 milhões, entre reforma e compra de equipamentos", explicou ele, às vésperas da assinatura de documentos do processo. Apresentado como "um presente deixado (pelo secretário) para Brasília", outro triunfo foi comemorado pela animada Sara Rocha: a compra do projetor a laser para o Cine Brasília, que terá no mínimo dez anos de futuro uso, "um ganho extraordinário", como ela reforçou. "Além de ser o maior cinema do país, o Cine Brasília estará entre as melhores, em qualidade, no padrão nacional. Teremos outra categoria de imagem e de som", prometeu o secretário.

Para além do estabelecimento da Brasilia Film Comission que, ano passado, possibilitou ponte entre a cidade e profissionais do Brasil envolvidos em 92 produções audiovisuais, com mobilização de 1400 profissionais, Abrants destacou um panorama previsto para logo, que tem relação com o Polo de Cinema. "Na sui generes conjuntura de um polo originalmente formatado em área de 400 hectares, ao longo dos anos, se caiu para a estrutura de apenas três hectares (em Sobradinho). Agora, teremos mais 15 hectares, com garantia de área regulamentada e escriturada", explicou. Junto com empresas interessadas em montar estúdios no Polo, o secretário trouxe a público a pontuação de acordos para uso de formação acadêmica, numa das novas vertentes para exploração do espaço. **(RD)**

João Pedro Carvalho / Agência CEUB

Claudinei Pirelli, Cláudio Abrantes e Sara Rocha: prontidão, na organização do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

59º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO

Inscrições até 24 de maio.
Regulamento e formulário em:
https://festcinebrasilia.com.br/inscricoes/